

A REPÚBLICA E OS MILITARES

Tarso Magnus da Cunha Frota

Maj Brig Ar

Relata a história que a atividade castrense em solo pátrio confundiu-se com o povoamento, independência e a liberal democracia. Com enfoque nesse patamar e com respaldo nas análises de consagrados historiadores, tentaremos nos colocar no ritmo de uma avaliação que, partindo da Conflagração Paraguaia, nos leve ao roldão dos acontecimentos que marcaram o comportamento do soldado na vida nacional.

Os militares envolvidos nos embates no Paraguai regressaram desiludidos não só com a monarquia, mas com a liderança militar do Conde D'eu, genro do Imperador.

O espírito republicano que envolvia a tropa vitoriosa da nossa primeira luta armada, em aqui chegando, encontrou um forte aliado – o positivismo. Esse pensamento amplamente difundido pelo Coronel-Professor Benjamin Constant na Escola Militar da Praia Vermelha, começou a ocupar o espírito dos cadetes de então, que se alinharam às posições científicas de Auguste Comte. As ideias Comtianas ocuparam as mentes da mocidade militar, que somadas aos anseios de um jacente “Espírito Republicano” moldaram uma interessante equação: “pertinácia do soldado e o civilismo republicano”.

A proclamação da República já estava praticamente dedilhada. O espírito liberal há muito arraigado numa parcela importante da sociedade, via no liberalismo jacobino a razão de ser da nação, encantada com a Independência Americana que, ao lado da Queda da Bastilha, legou ao mundo uma nova visão de organização política, pautada nos sonhos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, o grande viés dos amotinados franceses.

Numa avaliação inicial das peculiaridades da vida do soldado no seio da nação, elegemos a famosa “questiúncula” que envolveu Caxias, comandante das tropas em ação contra Lopes e o Senador Zacarias Góes, do Gabinete Liberal do Império. O Senador exigia explicações relativas à “condução das operações militares”, pergunta esta que resultou numa dura resposta de Caxias, evento que levou à derrubada do Senador Liberal, redundando o episódio como a primeira confrontação com os fardados de então, que passaram a merecer a confiança do Governo Imperial.

O historiador Buarque de Holanda considera este episódio como o primeiro mote circunstancial de reconhecimento do Exército Brasileiro na vida nacional. Como se vê, as armas começaram a ter influência não só junto à corte, mas na concepção da nação, que viu, na vitória das guerras sulinas, uma marca da potencialidade dos nossos soldados.

Com a morte de Caxias, o Exército buscou uma liderança nos seus quadros, o que não foi muito difícil, uma vez que o comandante das Armas no sul do país, Deodoro, exercia uma firme liderança no seio da oficialidade. O General das tropas sulinas embora não fosse um teórico positivista, representava uma tropa jacobina. Havia uma crença nos moldes do positivismo de que o país iria se associar às grandes nações encimados pelos sucessos “franco-americanos”.

Assim, nasceu a sonhada República em 15 de novembro de 1889, pelas mãos de Deodoro, respaldado pelo exército e a intelectualidade republicana, esta liderada por Rui Barbosa o ícone civilista do movimento. E não fomos muito longe: a Constituição de 1891 consolidou os sonhos civilistas e positivistas, todavia, faz-se mister referir que a chama republicana começou a evidenciar as suas primeiras “mazelas”. Circunstâncias inesperadas fizeram o governo de Deodoro relativamente curto, não só por problemas de saúde, mas por contingências políticas inesperadas. Emergiu uma interessante nuance no contexto nacional: “os ricos Cafeeiros Paulistas”.

Estes produtores, em face de as facilidades em conduzir o eleitorado circundante, firmaram-se como oligarcas, dominaram as campanhas eleitorais, preocupando o todo social, com manobras políticas eleitorais distantes da ética e dos bons costumes. Estes comedimentos chegaram ao seio do governo, configurando a primeira crise na cúpula dirigente. Como relatam historiadores, Deodoro, fraco de saúde e politicamente abalado, viu-se na contingência transferir o poder ao seu vice, Floriano Peixoto.

Floriano, na sua nova posição, buscou governar dentro de uma característica que ficou conhecida como “ultranacionalista”, pautada numa programação considerada modernizadora, enfrentando severas críticas do mundo paulistano que, aliando-se aos grandes pecuaristas e usineiros do nordeste, formalizaram uma nova e inesperada forma de vivência política – O CORONELISMO. Este comportamento acirrou o repúdio dos homens honrados que se surpreenderam com o radicalismo dos “coronéis oligárquicos”, que definiam eleições, distribuíam cargos públicos e benesses aos seus partidários. O CORONELISMO passou a incomodar. E, nesta contingência, fomos buscar na Tese de Doutorado de Sergio Murillo Pinto, “Exército e Política” (UFF-2005), estudo voltado às realidades, sonhos e perspectivas militares para uma interessante afirmação: “REPUBLICANIZAR A REPÚBLICA”. No entendimento de Sergio Murillo, este ousado jargão foi

utilizado por jovens militares, inconformados com os condutores do Poder, que ansiavam por mudanças políticas, administrativas, orçamentárias e eleitorais. Mantendo-se longe das ideologias, consideravam-se fiadores da seriedade e honestidade de que tanto a pátria necessitava.

Neste compasso emergiu o movimento conhecido como TENENTISTA, dentro de uma plataforma ressentida com os vícios do sistema, falta de liderança e o atraso do país. É, ainda, importante salientar que estes soldados não se identificavam com os seus Chefes Militares, ligados a políticos corruptos, distantes das aceções positivistas da Proclamação. Nesse passo, os “meninos militares” entraram na História, organizados e consubstanciados no TENENTISMO.

Qual a explicação para melhor entender o movimento “jovial militar”?

É neste ponto da presente avaliação que vamos nos valer de uma posição do Barão do Rio Branco. O Barão, com a sua incontestada liderança, aconselhou Floriano Peixoto a aprimorar a profissionalização dos nossos militares, lembrando que, na Europa, as tropas prussianas orgulhavam-se dos seus militares, ligados e orientados pelos princípios do grande estrategista prussiano Clausewitz. O governo, seguindo a orientação do Chefe das Relações Exteriores, de comum acordo com o Ministro da Guerra determinou que brasileiros estagiassem na Escola Militar Alemã.

No rol destes irrequietos militares, treinados na Alemanha, encontramos cadetes como Góes Monteiro, Felinto Muller, Euclides de Oliveira Figueiredo, Leitão de Carvalho, Bertoldo Klinger, João Alberto, Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes, Juarez Távora, Luiz Carlos Prestes e outros. Foi claro, desta relação, que o Brasil mudou na atuação desses determinados soldados que, nos movimentos políticos em que se envolveram, ajudaram a traçar novos caminhos, que exercem influências até os dias presentes. O espírito de contestação destes homens consubstanciou-se em operação armada no dia 5 de julho de 1924, quando ocorreu a primeira ação armada, conhecida como os “18 do Forte”. Tenentes, do efetivo do Forte Copacabana, liderados por Eduardo Gomes, acompanhados por alguns soldados e um civil, sublevaram-se, enfrentando as tropas governistas, sob a legenda de “...morrer em nome dos ideais...”. As forças legais dominaram os revoltosos, mas a chama TENENTISTA acendeu, e não demorou muito, eclodiu uma nova insurreição, a “Coluna Prestes”. A Coluna enfrentou forças legais, percorreu vinte e cinco mil quilômetros do sul ao nordeste infiltrando-se, finalmente, na Bolívia, sem resultados plausíveis no todo nacional.

O TENENTISMO sonhava com um estado forte, produtivo, com excelências nos campos econômicos, sociais e desenvolvimentistas. A Coluna Prestes, na palavra de historiadores, era inebriada por conceitos e planejamentos, muitas vezes difusos, deixando um legado utópico e sonhador. O misticismo dos TENENTES finalmente encontrou, na Revolução de 1930, a grande oportunidade de usar suas posições nas atividades governamentais. A influência de Góes. Juarez, Cordeiro de Farias, Felinto Muller sempre foi grande no movimento. Com a eclosão da Revolução de 1930 o TENENTISMO encontrou a sua realização, posicionado seus mais importantes membros em importantes posições políticas. O presidente Vargas encontrou no TENENTISMO a concretização de princípios que a revolução pregava – centralismo, autoritarismo e desenvolvimento. Partindo do movimento de 1930, o TENENTISMO entrou na rotina da vida política brasileira, passando pela ESG, chegando a 1964. Julgo por demais importante que se traga a lume as palavras do grande estadista Barão do Rio Branco que, em suas memórias, recentemente postas a público e comentadas por Merval Pereira em sua coluna jornalística, dentre outras afirmações, escreveu:

“Minha aspiração – sem pretender chocar os que lerem essas minhas memórias desabusadas, algumas décadas para frente – é que o Brasil possa dispor, no futuro, de homens políticos mais bem preparados, tribunos competentes e educados, estadistas comprometidos com a dignidade das causas nacionais, sem nódoas de corrupção, sem o peso da ignorância abissal que, infelizmente, ainda marcam muitos dos aventureiros e oportunistas que se alheiam de cargos públicos, muitas vezes, por razões inconfessáveis”.

Como fecho da presente análise da vida política no período Republicano, encontramos, no Barão do Rio Branco, a síntese profética que, lamentavelmente “PREOCUPA A NAÇÃO POR ALGUMAS CALENDAS”.